

Cemitérios como espaço de pesquisa: Reflexões e perspectivas na antropologia¹

Rafael Machado Menezes (UFMG)²

Palavras-Chave: Antropologia da Morte; Cemitério; Dia de Finados;

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho compõe a pesquisa e o campo feito na disciplina de Laboratório de Pesquisa I do curso de graduação em Antropologia, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2025. A principal proposta é a busca por um recorte temático para posterior produção da monografia. Desse modo, entrei nessa experiência pautando a Antropologia da Morte, e, por meio da orientação da Professora Lilian Leite Chaves, cheguei aos cemitérios. Neste trabalho reúno leituras, observações e análises que adquiri com a disciplina, por meio da experiência de campo e da revisão bibliográfica.

Quando disse à minha mãe sobre minhas visitas aos cemitérios de Belo Horizonte, ela fez por áudio um desenho histórico da relação dos vivos com os mortos nos cemitérios, sem perceber. Ela contou como minha avó dizia que ao sair do cemitério era preciso sair de costas, para que energias ruins não a acompanhassem. Além disso, era preciso retirar todas as roupas antes de entrar em casa e lavá-las de imediato. Minha mãe afirma que esses atos seriam por superstição, medos religiosos e espirituais. Sem a superstição de minha avó, minha mãe continuava com as normas relacionadas às roupas, porém, por motivos de higiene.

Assim, minha mãe apresenta a trajetória dos cemitérios, muito bem ilustrada na história de Belo Horizonte, em relação a sociedade dos vivos, através de um distanciamento do religioso com a morte e uma aproximação a um pensamento médico. Esse caminho já é apresentado, primeiro, em relação ao dito “Ocidente”, em que Ariés (1977) traz a divisão entre Idade Média e Idade Moderna, morte domada e morte selvagem, e, depois, na história da cidade em que houve uma dicotomia entre o religioso em relação ao público/estatal.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Graduando em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: rmachadoo05@gmail.com

Para Ariés (1977), a morte foi ressignificada durante o tempo. Na Idade Média, em seu contexto francês, a morte era domada. Os indivíduos reconheciam seu momento de ir e se planejavam para tal evento, os familiares entendiam e preparavam o corpo e o enterro. Os sepultamentos eram nas igrejas, próximos ao sagrado, e o cemitério era ocupado por todos. Com o tempo, devido a movimentações religiosas e políticas, além do avanço do pensamento científico e a pesquisa em patologias, a morte se tornou selvagem. Na contemporaneidade, a morte é evitada, não é falada e nem pensada. E assim se constrói o seu tabu. Por esses motivos, somados aos de saúde, lidar com o corpo morto não é mais função dos familiares, tudo se terceiriza e se afasta, e o lugar do enterro é distante, fora dos limites da cidade e longe dos domicílios.

Em relação a Belo Horizonte, o cemitério foi instalado antes mesmo da cidade. O antigo Arraial do Curral del Rei, mantinha seus mortos na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Com a chegada do plano de construção da nova capital de Minas Gerais, foram proibidos os sepultamentos na Matriz. O Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim foi inaugurado e, 10 meses depois, veio a cidade de Belo Horizonte. Desde o princípio, o cemitério se localizava afastado dos limites urbanos planejados (Almeida, 1998).

A morte foi do espaço religioso e colonial para o espaço laico e republicano, mudanças movidas principalmente pelos ideais positivistas de culto à razão e de controle dos espaços. E, mesmo participando do processo formador da cidade, o cemitério e suas estruturas parecem esquecidos, alguns túmulos permanecem quebrados e os profissionais desses espaços ficam sem os equipamentos adequados.

A partir disso, é possível entender como o tabu da morte se conecta à história e aos processos de estruturação dos cemitérios, bem como aos usos desse espaço e ao seu descaso. Os cemitérios compõem, portanto, um campo que é, ao mesmo tempo, formador e influente, afastado e menosprezado. Os cemitérios refletem a complexidade do indivíduo na sociedade, adquirindo diferentes significados a partir de quem os mobiliza, demonstrando assim potencialidades da contribuição dos espaços cemiteriais para a produção antropológica. No urbano, no religioso ou no mercadológico, os cemitérios têm muito a ensinar sobre os mortos e sobre os vivos.

2. METODOLOGIA

O Laboratório teve reuniões quinzenais com a professora e orientadora Lilian Chaves. Inicialmente, fiz um levantamento bibliográfico sobre a morte e os cemitérios, li e fiz o fichamento de alguns textos recomendados e outros escolhidos por mim nas

temáticas observadas em campo. Ao pensar os cemitérios como espaços urbanos, algumas metodologias da Antropologia Urbana foram utilizadas.

Dentre elas, a metodologia de Olhar a Cidade (Uriarte, 2013) foi primordial. A partir do entendimento dos cemitérios como um contexto urbano, foi preciso não só “ver”, mas “olhar” com tempo e cuidado para os detalhes que deixamos passar pela rotina e correria impostas pela vida na cidade. Desse modo, comecei pelo olhar de cima, proposto pela metodologia. Analisei os cemitérios de Belo Horizonte através do Google Maps, percebendo semelhanças e diferenças em suas composições.

Imagem 01 - Imagem de satélite do Cemitério do Bonfim³



Imagem 02 - Imagem de satélite do Cemitério da Paz⁴



³ Fonte: Google Maps

⁴ Fonte: Google Maps

Através dessa ferramenta, foi possível notar os arredores dos cemitérios, suas influências e sua localização em relação a cidade, antes, fora dos perímetros urbanos e hoje, engolidos pelo crescimento da metrópole. Além disso, foi possível mapear empreendimentos que são convenientes e interdependentes dos cemitérios. No caso do Bonfim, por exemplo, têm-se o Cemitério dos Animais e o Cemitério dos Azulejos.

Pelo olhar de baixo, fiz visitas de campo aos cemitérios, observei como é me locomover por eles e quais os fluxos que as pessoas tomam em seu interior. No primeiro dia, tive uma visita guiada no Cemitério do Bonfim, ministrada pela professora da UEMG, Marcelina das Graças de Almeida, no segundo, fui acompanhado de uma amiga e no terceiro, fui no Dia de Finados, sozinho. Também fui ao Cemitério da Paz, uma vez sozinho e uma vez no Dia de Finados. O Cemitério do Bonfim, 1897, é o mais antigo da cidade de Belo Horizonte, e o da Paz, 1967, um pouco mais recente, é o maior da cidade, o que possibilita um desenho da passagem do tempo e aspectos da diferença entre um e outro, principalmente em vê-los como influenciados por aspectos que também se apresentam na construção do urbano.

Ainda no olhar de baixo, pude ver novos fluxos em dias diferentes e comemorativos. A decisão de ir aos cemitérios no Dia de Finados foi motivada tanto por manter o interesse inicial em comemorações quanto por pensar nas interações de Ritual, em que Indivíduo, Sociedade e Espaço se conectam fortemente (Agier, 2011). As visitas sem uma data comemorativa serviram para entender como esses espaços eram ocupados em interações Ordinárias, em momentos de certa “rotina” esperada, a fim de comparação com as interações Rituais.

No olhar de dentro, tive tentativas de conversar com as pessoas que utilizavam esses espaços para compreender suas motivações. Nesse quesito, apresentei algumas dificuldades pelo receio e vergonha de interagir com as pessoas, porém, consegui viver algumas dessas experiências para tirar dúvidas dos acontecimentos e encarar esse desafio pessoal. Por fim, um dos aspectos da metodologia é a utilização da fotografia, como uma forma de “parar o tempo” nos meios urbanos e, através dela, captar detalhes e mensagens que ilustram bem as discussões que encontrei em minhas pesquisas e vivências de campo, principalmente ao relatá-las nas reuniões da disciplina.

Essas metodologias me ajudaram a entender e olhar o espaço ao invés de somente vê-los. Algumas discussões foram levantadas pensando em como os cemitérios se constituem e como conversam com a antropologia urbana, de onde ambas metodologias

citadas são fonte. Assim, tratá-los como cidades é um dos caminhos possíveis para se pensar a antropologia dentro dos cemitérios.

3. VISITAS AO CEMITÉRIO DO BONFIM

Ao pesquisar os cemitérios de Belo Horizonte, o Bonfim se destaca por ter sido o primeiro. A partir de um projeto republicano de construção da cidade, não havia espaço para o religioso. A cidade planejada não tinha igrejas, e os cemitérios não deveriam ser ungidos. O projeto envolvia a criação de espaços completamente laicos, como pensado pelo diretor Aarão Reis (IEPHA-MG, 2025). Com uma mudança abrupta do religioso ao laico, a Igreja se sentiu ameaçada, visto que o seu poder na sociedade estava menor, e o controle dos nascimentos, casamentos e mortes iam para o Estado. Esse fator movimentou a proposta de mais espaços religiosos no projeto, rompendo com o ideal laico inicial e levando Aarão Reis a sair da direção. Por fim, a cidade abriu espaço para igrejas, desde que remodeladas de acordo com as estéticas da República, para que não lembrassem o período colonial. E, mesmo que o cemitério já estivesse pautado como laico, o nome dado pela população foi “Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim” (Lima, 2023), gerando uma contradição em relação ao que propõe o projeto e ao que diz a vontade popular da cidade.

A minha primeira ida ao Cemitério do Bonfim foi em uma visita guiada, com a temática “Signos e símbolos no espaço cemiterial”. Pela temática, passamos por grandes obras de arte que enfeitavam os principais e mais influentes túmulos do cemitério. Muitos deles se localizavam em locais de prestígio, como nas avenidas principais, e com altura privilegiada em relação aos demais, apresentavam imagens e esculturas únicas, materiais tumulares e artísticos caros e diversos. Eles se destacavam em relação a túmulos com imagens repetidas, de um mesmo material, ou daqueles que nem imagem tinham. As avenidas principais abarcam jazigos com sobrenomes estrangeiros, como a Família Falci e a Família Natali, alguns famosos, como o de Raul Soares, ganham altura e tamanho, enquanto nas periferias, próximo aos muros, os túmulos são mais esquecidos, os nomes não aparecem, as estruturas são falhas e o descarte de entulhos é mais visível. Diante dessa percepção, foi possível traçar um mapa social pela condição e estrutura dessas sepulturas.

Quanto ao seu exterior, já era possível ver lixo e restos de materiais de construção pela calçada do cemitério, diferente do tratamento dado ao outro lado da rua, com construções domiciliares. Ao entrar, pela primeira vez, a pintura já desbotava, o banheiro

não era limpo, o lixo não era retirado e a estrutura era precária, para beber água era necessário atravessar a rua e acessar o prédio administrativo. Em minha segunda visita, uma semana depois, algumas reformas começaram a acontecer.

Sua estrutura tem duas entradas principais. Uma delas é a entrada atual, a outra é a entrada antiga, não mais utilizada, em que se centraliza o antigo Necrotério, uma estrutura central e monumental que hoje também está fechada. Mesmo com as portas trancadas, seu espaço externo ainda parece ser utilizado, devido aos resquícios recentes de velas pretas e vermelhas em sua escadaria.

Além das velas no necrotério, o “espaço das almas”, uma construção simples, feita com uma base de tijolos que fazia uma espécie de poço para cavalos, era destinada para o depósito de santos quebrados ou para a queima de velas, protegidas das intempéries da natureza por um teto de zinco. Em uma estrutura semelhante à de estantes de cimento, havia os ossários, em alguns, sem tampa, haviam mais velas, copos com água e garrafas de corote. Nos calçamentos externos, havia animais como oferendas, galinhas junto de farofa, ervas, bebidas, além de alguns pães inteiros.

Esses aspectos mostram como o cemitério é ocupado em uma função ritual/religiosa, muito provavelmente por religiões de matriz africana, seja em locais significativos e evidentes, como na espécie de encruzilhada que o Necrotério forma; seja resguardada às escondidas, como nas periferias do cemitério em que fica o poço das almas; ou mantida fora de seus limites, por uma necessidade do rito ou por uma impossibilidade do uso interno. Para além disso, manifestações como essas, pouco aparecem em estruturas fixas e duráveis, como as sepulturas, onde é notável uma presença de símbolos majoritariamente cristãos e católicos. Existe, portanto, um desequilíbrio. Apesar das múltiplas ocupações religiosas, as estruturas cemiteriais pouco manifestam essa pluralidade em seus signos tumulares.

Dentre as manifestações religiosas, o Cemitério do Bonfim possui três túmulos de santos considerados populares, bem elaborados na literatura por Lima (2013): o de menina Marlene, o de Padre Eustáquio e o de Irmã Benigna. Considerados os túmulos mais visitados do cemitério, são locais de peregrinação de fiéis que pedem intercessão aos três santos, famosos por responderem por milagres. A menina Marlene morreu ainda jovem, com 13 anos, e pouco se sabe sobre sua história. Padre Eustáquio fez viagens operando bênçãos e milagres, que lhe são atribuídos mesmo após a sua morte. E, Irmã Benigna, que atuou em ações de caridade e cuidado com os mais necessitados por onde

passava, mantendo-se fiel à sua missão, apesar da repressão de sua Congregação, que a julgava por ser negra e adorada pela população.

Todos esses santos possuem milagres endereçados a eles, pedidos e agradecimentos em seus túmulos, estando o Padre e a Irmã em processo de canonização pelo Vaticano, portanto, todas as três figuras são consideradas devoções marginais e populares. Para o processo de beatificação, uma das exigências é o enterro em campo santo. Devido à história do Cemitério do Bonfim e ao projeto republicano implicado, os restos mortais desses santos tiveram que ser realocados para lugares que cumprem esse requisito, como igrejas e santuários. Nesse aspecto, um caminho para investigação é a relação de sentido entre a operação de milagres e a presença física do santo, elaborando uma visão da importância do túmulo e do cemitério na agência dos mortos, mesmo sem a presença física de seus corpos.

Recordo-me de visitar somente o túmulo de Irmã Benigna. Ele se encontra embaixo de uma goiabeira, possui uma santa em meio a arbustos de flores e tem um local planejado para depositar pedidos e cartas de agradecimento, sejam elas em papel ou fixas em placas na parte superior do túmulo. Na goiabeira, há uma placa de agradecimento, pendurada em um dos galhos.

Imagem 03 - Vista do túmulo de Irmã Benigna⁵



⁵ Fonte: Autoria Própria

Em outra visita, acompanhado de uma amiga, fomos fora dos limites propostos por um passeio guiado, atraídos pelas artes e esculturas e notando padrões de materiais, cores e estilos. Em determinado momento, chegamos a um túmulo com uma estátua de São Jorge, com a imagem de algumas pessoas mais velhas e de uma jovem. No mesmo instante, uma senhora desceu as escadarias atrás de nós, que levavam diretamente à frente desse túmulo. A senhora era a avó da jovem no retrato e vinha, periodicamente, prestar suas homenagens. Dessa vez, trouxe uma flor. Mesmo sendo o local de descanso de sua neta, ela jogou a embalagem da planta nos cantos da escada. A senhora nos contou como sua neta havia morrido cedo e da tristeza que sentia ao se lembrar da sua perda. Nesse momento, encarei uma das dificuldades de se pesquisar sobre a morte, na própria consequência de seu distanciamento em nossa sociedade: saber ouvir e sentir as dores ao conversar sobre o morrer. Ainda sem jeito de como conversar e perguntar sobre o acontecido, deixei que ela desabafasse, dei meus pêsames e nos retiramos.

4. VISITAS AO CEMITÉRIO DA PAZ

Ao pesquisar sobre o Cemitério da Paz, poucas bibliografias apareceram, sendo elas sobre seu impacto ambiental ou uma menção secundária em trabalhos sobre o Cemitério do Bonfim. Ele se destaca por ser o maior da cidade e ser o primeiro construído na lógica de cemitério-parque (Crystal, 2022), facilitando o apontamento de convergências com o que foi analisado no Bonfim. A mesma estrutura de ruas e quadras se manteve, assim como a precariedade de algumas construções e o isolamento do espaço das almas. A diferença aparece em sua estrutura “parque”, compondo quadras gramadas e arborizadas e com os túmulos totalmente sobre o chão, restando visíveis somente as lápides. Apesar de não possuir a magnitude de signos como o Bonfim, era notável quais os túmulos bem cuidados e aqueles em estado de abandono. Desse modo, o que antes era mostrado em altura e diferentes materiais, agora, é visto pelo tamanho da grama sobre as lápides e pela presença ou não de flores ou presentes.

Na composição com a cidade, sua entrada se localiza numa avenida movimentada, a Av. Carlos Luz, e o calçamento em seu perímetro externo cessa em seus portões, deixando somente a rua. Faz parecer que a entrada é convidativa somente aos automóveis. Em seu interior, as calçadas aparecem próximas aos prédios destinados aos velórios e à administração. Nas demais quadras, onde ficam as lápides, não tem calçamentos, só o meio-fio. Assim, mesmo apresentando uma estética mais limpa e atrativa para os vivos, que eu acredito ser o objetivo da característica “parque”, o espaço não é destinado para

eles, só aos túmulos e aos carros. Outro exemplo disso, são buracos abertos e túmulos sem manutenção em meio a grama, mostrando que mesmo caminhando por onde se deve, ainda assim a estrutura não é pensada para transeuntes.

Na perspectiva religiosa, novamente encontrei cerâmicas próximas aos muros, tanto no interior quanto no exterior. Havia velas vermelhas escondidas por algumas sarjetas, também em quadras periféricas. Além disso, esse cemitério possuía um Cruzeiro, com uma praça própria, formando uma encruzilhada de calçamentos. Nele, vi oferendas diversas, com muitas frutas frescas, copos e garrafas de água e de bebidas alcóolicas, e pães nos espaços ao seu redor. Nas lápides, também não encontrei signos religiosos referentes à essas manifestações, porém, no banheiro masculino, tinham grafismos riscados nas portas e nas divisórias, mencionando a memória de alguns mortos e também à Exu. As simbologias e imagens cristãs e católicas apareceram com menos incidência que os túmulos do Bonfim, em que a maioria apresentava uma cruz ou estátua.

5. DIA DE FINADOS

No Dia de Finados, tive a oportunidade de revisitar ambos os cemitérios citados. Em uma rápida pesquisa sobre o dia dos mortos em Belo Horizonte, duas coisas chamaram atenção: um grupo de pessoas propôs um bloco de rua, “Carnaval das Flores”, tentando recriar a manifestação cultural mexicana “Dia de los muertos” (Chiodi, 2025); e uma reportagem, feita um ano antes, em que uma das entrevistadas diz esperar todo o ano para esse dia, para poder matar a saudade de quem se foi (MG Minas, 2024). Depois, fui, primeiramente, para o Cemitério do Bonfim, esperando que houvesse menos pessoas, por ser o mais antigo.

Ao chegar, encontrei oferendas, novamente, pelas calçadas. Depois, na praça localizada na entrada do cemitério, vi tendas de vendedores de flores e estandes de diferentes grupos. Havia um deles vendendo revistas/livros de Testemunhas de Jeová e algumas tendas, como as de feiras, dentro do cemitério, vendendo estátuas de orixás, representando a Umbanda. Havia estandes maiores, com estruturas de metal e propagandas de grupos e de empresas funerárias famosas, e por fim, um destes era da Arquidiocese de Belo Horizonte. Neste, eram oferecidas missas a cada hora, e em alguns estandes de empresas também haviam signos religiosos católicos. Portanto, nos locais em que faziam essa manifestação, havia pouca representatividade. Além disso, houve muitas propagandas, a primeira coisa que recebi ao chegar foi um panfleto e a sugestão de

participar de um sorteio. O Grupo Zelo iria sortear eletrodomésticos e eletrônicos naquele dia.

Na entrada e dentro do cemitério, tinham mais pessoas do que imaginava, motivo pelo qual foi necessário realizar a visita no Dia de Finados, um feriado nacional que movimenta o tema da morte em espaços como esses. O cemitério já havia sido revitalizado, sua pintura refeita, canteiros plantados com flores e alguns funcionários faziam as últimas limpezas nos principais túmulos. Alguns dos túmulos mais famosos já tinham recebido suas homenagens, com 5 ou 7 coroas de flores. Alguns familiares faziam limpezas e, nesse processo, subiam em outros túmulos.

Mais adiante, um grande grupo de pessoas, vestidas inteiramente de branco andavam juntas e iam rumo ao ponto central do Necrotério. Ao pesquisar, entendi que eram 7 terreiros de Umbanda reunidos para prestar suas homenagens no cemitério (Santiago, 2025). Todos caminharam juntos e pararam na entrada do Necrotério, pela escadaria que mencionei antes. Chegando mais perto, notei que no lado oposto havia um estande da Arquidiocese, numa estrutura de tenda, também metálica, em que continham um altar e um padre. Neste local teriam missas durante o dia, como na entrada, além de um microfone e de uma caixa de som. Poucos se reuniam nesse momento.

Imagem 04 - Necrotério: missa católica com celebração dos terreiros de umbanda ao fundo⁶



Imagem 05 - Necrotério: Celebração dos terreiros de Umbanda⁷

⁶ Fonte: Autoria Própria

⁷ Fonte: Autoria Própria



Registrei esse instante em uma fotografia, por apresentar um curioso contraste entre as manifestações religiosas, em quantidade e em estrutura. Ao finalizar o rito nas escadarias, todos se dispersaram, cada pessoa carregava rosas brancas e ia dentre os túmulos, escolhendo qual deles receberia uma flor. Uma das mulheres me disse que o rito acontecia por eles compartilharem da dor daquele dia, que todos sentiam, e as rosas eram uma forma de acolher os mortos nos túmulos que pareciam abandonados. Ela ainda me contou que a tenda, próxima a entrada, tinha apoio psicológico para qualquer um que precisasse, sem uma premissa de conversão.

Consegui ir ao Cemitério da Paz depois de algumas horas. Com o número alto de pessoas nesse dia, parecia mesmo um parque. O estacionamento da área administrativa tinha o mesmo esquema de estandes que o Bonfim, porém, com maior capacidade de pessoas. Um dos estandes se destacava por estar afastado dos demais, próximo aos muros laterais, funcionários dele estavam espalhados pelo lugar, e uma delas foi a primeira a me abordar. Ela me ofereceu um abraço e me perguntou sobre quem eu havia perdido, então me ofereceu um papel e uma carta “escrita à mão”, que na verdade era impressa. Era uma ação da Força Jovem Universal, que oferecia ajuda psicológica, chamada HELP.

Ao me aproximar dos demais estandes, vi como eram mais impactantes que os anteriores. Com muito mais movimento, seus estandes eram bem maiores. A Metropax, empresa funerária, tinha um espaço reservado para Missas, com dezenas de lugares e levava seus novos modelos de carros funerários, que incluíam uma limusine e um pequeno carro, para enterros de Pets, um setor à parte muito anunciado.

Imagem 06 - Estande da empresa funerária Metropax, no Dia de Finados⁸



Andando pelo cemitério, vi uma variedade de grupos e emoções relacionadas ao feriado. Por saber da movimentação que o Cruzeiro pode trazer, fui ver como estava naquele dia. Nele, tinham diversas velas que queimavam juntas. Uma parte da cera já derretia pelo chão, e o fogo se sustentava por si só. Algumas oferendas apareciam, com flores e bebidas. Entre as velas, notei um contraste de manifestações religiosas que eram semelhantes às do Necrotério, no Bonfim. De um lado, as oferendas, a bebida e as velas pretas, vermelhas e amarelas; do outro, somente velas brancas. As manifestações percorriam todo o círculo central da praça em que ficava o Cruzeiro, com poucas ultrapassando esse limite.

Imagem 07 - Cruzeiro: Velas brancas de um lado e coloridas de outro⁹



⁸ Fonte: Autoria Própria

⁹ Fonte: Autoria Própria

No cemitério da Paz, a limpeza dos túmulos também aconteceu. Ao invés de embalagens de produtos de limpeza, as pessoas levavam ferramentas de jardinagem, para fazer a limpeza dos terrenos e retirar os excessos de grama que poderiam ter crescido sobre as lápides.

6. ANÁLISE DO CAMPO

Diante da experiência vivida, é possível mapear tópicos presentes nos cemitérios e nas formas de uso desses espaços. Muito influenciado pelas abordagens metodológicas, a proposta urbana é a mais pontual. Pelo tema da visita guiada, muito me interessou a análise religiosa, através dos símbolos e dos seus significados nas estátuas e artes tumulares demonstradas pela guia. Por fim, diante da ressignificação do espaço cemiterial no dia de Finados, também me chamou a atenção a abordagem mercadológica, pelo uso comercial, no feriado, dos cemitérios pelas empresas funerárias; dentre outros temas presentes.

6.1. CEMITÉRIOS COMO CIDADES

A partir da estrutura em que ambos os cemitérios se mantêm, a bibliografia das arqueólogas Luísa de Assis Roedel e Fernanda Codevilla Soares (2015) se apresenta essencial nesse estudo. Ao mapearem uma parte do Cemitério do Bonfim, foi possível constituir aspectos sociais, presentes na sociedade dos vivos que se refletem na cidade dos mortos. Desse modo, elas constroem um paralelo entre a Antropologia Urbana e a Arqueologia.

Essa correlação se apresenta sobre o esquema de ruas e avenidas, fazendo com que a locomoção seja mais pensada para os carros do que para as pessoas. Em ambos os cemitérios isso pode ser observado. Além disso, dentro de como o espaço se constitui, é possível criar um mapeamento social. As autoras (de Assis Roedel; Codevilla Soares, 2025) trazem a questão de gênero, na presença única dos nomes dos patriarcas nos jazigos ou na relação econômica, referente aos nomes famosos, detentores de túmulos exuberantes em arte, em tamanho e em altura. Na minha percepção, pude perceber uma relação de maiores cuidados entre túmulos mais imponentes e centrais, em contraposição aos túmulos mais simples e periféricos, com menos manutenção e partes quebradas.

Em relação à disposição interna dos cemitérios, temos mais uma associação com a urbanidade. Devido ao grande contingente populacional, as cidades propõem a redução dos locais de moradia e de serviços e/ou a sua verticalização, fator este que também se

apresenta nos cemitérios (Capomaccio, 2023). Em contraposição ao Bonfim, com sepulturas e túmulos ornamentais que ocupam espaço, o Cemitério da Paz reduz o necessário para os enterros e maximiza o seu uso. Vemos nesse processo tanto uma tentativa de esconder a visualização da morte, deixando todo o receptáculo do corpo sobre o chão, abaixo da terra, quanto uma necessidade de simplificar, economizar e render.

O nivelamento dos mortos, com a mostra somente das lápides, faz com que os cemitérios-parque, como o Cemitério da Paz, tornem um pouco mais difícil definir as relações sociais que De Assis Roedel e Codevilla Soares (2025) apontam nos túmulos do Bonfim. Enquanto a falta de sepulturas parece mostrar uma perda do sentido da morte, a autora Máira Cavalcanti Vale (2009), ao relatar a experiência nesses espaços, por outro lado, enxerga flores, velas, terços e enfeites, e, com isso, promove que a produção de sentidos toma forma em outros objetos e ações. Sendo assim, da mesma forma que o espaço se modifica, as relações também se transformam com ele.

Desse modo, como em um processo de Olhar a Cidade (Uriarte, 2013), é possível enxergar os detalhes e os seus sentidos em um espaço que se esconde. E assim também os encontrei, vejo hierarquias de plantas ao longo das sepulturas, gramas podadas em relação a uma lápide e outra, presença de fotos, epitáfios e oferendas que vão de pedras, cataventos e até esmaltes que podem significar uma infinidade de coisas para quem está enterrado e para quem os deixou. Independentemente do tipo de cemitério, é possível traçar mapas sociais através de seus túmulos, por como eles são cuidados e pelo o que é deixado neles.

Fora do aspecto individual, porém, os cuidados pelas administrações, por si só, já espelham o lugar da morte na sociedade. O cemitério, por mais significados que possua, ainda sofre com o tabu da morte (Ariés, 1977) em seus espaços. Do mesmo modo que indivíduos e sociedade negam a morte e a menosprezam, eles também o fazem com os cemitérios e seus serviços e trabalhadores associados. Dessa forma, estruturas básicas como um banheiro, manutenção dos túmulos ou equipamento adequado aos profissionais deixam a desejar.

Da mesma forma que pessoas aguardam todo o ano pelo Dia de Finados, para visitar seus entes queridos, como na reportagem mencionada (G1 MINAS, 2024), os órgãos de cuidado dos cemitérios, também aparentam esperar o dia de maiores visitas para que esses espaços possam ser revitalizados e cuidados. Portanto, usos como o de Marcelina Almeida, professora da UEMG, promovendo aulas e visitas guiadas, são um mantimento da memória e do patrimônio local e um convite de retomada e ressignificação

desses espaços-temas tabus. A professora mostra que a ocupação espacial nesses lugares consegue promover uma reflexão de como a morte e os seus espaços são pensados e pautados no dia-a-dia.

6.2. DEVOÇÕES E O RELIGIOSO

Semelhante aos diversos usos da cidade, o cemitério também apresenta uma multiplicidade de significados religiosos. Ao mesmo tempo que é um espaço evitado, ele também é considerado sagrado. É possível tensionar uma possível hierarquia da presença religiosa nos cemitérios. Pela experiência observada é notável uma presença de signos cristãos e católicos em evidência, fixados nas sepulturas, em contraposição a signos de outras religiões, apresentados em menor quantidade, em locais à parte, escondidos ou em um menor prazo de fixação. Além da manifestação religiosa de fiéis, há a própria percepção das empresas, ao oferecer missas e a expor signos católicos em seus estandes, sem propor outras figuras religiosas.

A religiosidade nos cemitérios também se apresenta na presença de santos. Irmã Benigna promove, em sua história, uma discussão sobre quem são os santos, quais estruturas e quais valores são reconhecidos como cânones, semelhante à discussão sobre a estrutura acadêmica, pensando nos autores que conhecemos. Referente a isso, Sáez (1996) já se estende em uma discussão sobre a presença da morte santa no contexto cultural brasileiro. Assim, o autor mostra como partir dos espaços em que essas religiosidades ocorrem é um dos caminhos para entendê-las em suas estruturas e em suas negligências ao tentar representar uma população que se auto representa na devoção marginal, com seus próprios santos, próximos de sua realidade.

Na dualidade representada no Dia de Finados, no Necrotério e no Cruzeiro, outra relação de Sáez (1996) se apresenta. Em seu trabalho “Fantasmas Falados” (1996), o autor mostra como o cemitério, e em especial, os santos, são ricos em significados, ora são santos católicos, ora entidades em religiões de matriz africana. Do mesmo modo, os cemitérios do Bonfim e da Paz, e em especial os seus espaços centrais, o Necrotério e o Cruzeiro, dispõem de uma relação semelhante. Religiões diversas ocupam o mesmo espaço e os significa como lhes cabe, enriquecendo ainda mais os significados presentes nos cemitérios e suas possibilidades de análise.

Por fim, a presença religiosa nos dois cemitérios discute uma relação temporal em relação à visão da religião na sociedade. Presente desde a fundação de Belo Horizonte, a transição do sagrado pelo laico mostra um percurso comum na sociedade de

secularização. Do mesmo modo, um cemitério considerado laico em 1897, apresenta um nome santo e túmulos com crucifixos e imagens do imaginário católico. Por outro lado, um cemitério fundado em 1967, perde grande parte da presença de aspectos religiosos, seja no nome, seja nas estruturas tumulares.

6.3. MERCADOS DA MORTE

Desde sua fundação, os cemitérios também respondem às lógicas do mercado. Luisa de Assis Roedel e Fernanda Codevilla Soares (2015) já relatam que a repetição de esculturas e de pedras utilizadas no Cemitério do Bonfim tem muito a ver com a moda e popularidade de modelos prontos e vendidos em massa. Além disso, existe a lógica de terrenos nos cemitérios, como ocorre nas cidades dos vivos, exigindo taxas para compra e mantimento dos túmulos e jazigos, transformando a memória em um produto que nem todos podem pagar.

Ao refletir sobre o tabu da morte, produtos como os de funerárias, restringem-se em relação a quais espaços podem exibir suas propagandas. Se a morte não é discutida e pouco pensada no dia a dia, a venda de um produto relacionado a ela se torna difícil. A partir disso, existem locais e momentos específicos nos quais essa discussão pode ser levantada, como os cemitérios. Porém, é somente no Dia de Finados que temos uma interação Ritual (Agier, 2011) e uma grande parcela da sociedade se movimenta em torno da morte, levando às funerárias, embaixadoras de um mercado da morte, utilizarem desse tempo e espaço restrito para venderem seus produtos.

Um caminho que parece ser feito pelas funerárias é o de desconstruir o tabu da morte. Apesar de ser um método interessante, ele não parece ser completo. A mensagem publicitária dessas empresas não se compromete tanto com a complexidade do tema da morte. Desse modo, parecem romper somente o suficiente para ocupar espaços e vender produtos, sem discutir as consequências que o tabu da morte traz, como o culto à felicidade e a busca incessante por conforto. Tornando esse assunto, mais uma rica proposta de análise entre o mercado, a comunicação e a antropologia da morte.

7. CONCLUSÃO

A partir desse estudo, muito se revela sobre as potencialidades de pesquisa no espaço cemiterial. Através da antropologia, muitos dos sentidos atribuídos a essas localidades podem ser investigados e trabalhados. A ambiguidade e complexidade dos

cemitérios promove significados múltiplos que podem dizer muito sobre a sociedade que os constrói e os mobiliza.

Em Belo Horizonte, o que deveria ficar distante do perímetro urbano, por motivos de saúde pública e não mais sagrados, agora é abarcado por casas e construções impactadas pela influência do cemitério. Diante dos descasos com suas estruturas e ainda sob influência do tabu da morte, poucos são os interessados em ocupar esses espaços. Aqueles que ocupam, fornecem instrumentos para compreender melhor os detalhes escondidos no urbano e as potencialidades de uso nos aspectos patrimoniais.

Além destes, a ocupação pelo sentimento e a emoção, levam à inúmeras subjetividades de relações e construções afetivas que se mantêm mesmo depois da morte, como em um processo de devoção familiar, pelo tratamento dos túmulos, visitas periódicas e oferendas significantes. Isso mostra que apesar das diferenças diacrônicas dos diferentes modelos de cemitérios, alguns significantes permanecem e podem ser pautados através de quem os utiliza.

Há ainda a questão religiosa, movida pela fé no que há de vir e de quem pode interceder pelo mundo dos vivos. Os processos de devoção marginal e popular abrem portas para investigar a relação com a religião canônica oficial, além de suas interferências e conjunções diante do sincretismo, gerando uma dualidade nos mesmos símbolos utilizados por diversos tipos de fiéis. Ao mesmo tempo que o cemitério se torna sagrado, ele é pautado como laico e reflete hierarquias entre diferentes manifestações religiosas.

No ponto de vista mercadológico, as possibilidades da morte como produto também são diversas. O uso dos cemitérios no Dia de Finados mostra uma necessidade comercial de tempo e espaço para oferecer a morte como oportunidade de venda. O luxo representado pelos carros e serviços especiais adicionam ainda mais valor no processo funerário. Ou seja, a vontade de romper com o tabu instituído da morte acontece não para complexificar as temáticas, mas para ocupar diferentes espaços e dispor de maiores públicos para vender produtos.

Outros temas incluem o impacto ambiental de cemitérios à natureza, tanto pela contaminação quanto pela ocupação verde daqueles tipos parque; a disposição de profissionais e instituições de saúde mental associados ao religioso, produzindo um potencial de análise para entender quais os limites entre eles; ou ainda, quais outros sentidos a morte pode receber na sociedade, como nas ocupações do Carnaval das Flores

no Dia de Finados (Chiodi, 2025), a ponto de refletir se é possível transpor um ideal cativante do México em um contexto como o brasileiro.

Dentro da grande diversidade de temas possíveis de serem trabalhados, a partir da antropologia da morte e do estudo do espaço cemiterial, foi preciso escolher um para dar andamento na produção de minha monografia. Portanto, mesmo cativado e ainda intrigado por muitos destes, o meu caminho vai para a linha mercadológica, focando em como a morte é pautada e como esse tabu é ou não rompido, por meio das publicidades de empresas funerárias.

A vivência de campo produziu um conhecimento e uma amplitude das possibilidades de como as ideias acontecem na realidade. Somente frequentando esses espaços que eu pude questionar e produzir, tendo contato com diferentes reações, usos e interações. Do mesmo modo que os cemitérios são produzidos e significados com diversos sentidos, a morte segue pelo mesmo caminho, sendo importante um olhar amplo e múltiplo sobre esse campo de estudo para a produção de uma pesquisa acerca dele, de maneira que um olhar antropológico parece ser o ideal para promover esse diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. As situações elementares da vida urbana. In: _____. Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos. 22. Ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, M. das G. de. O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 4, n. 2, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20473>.

CAPOMACCIO, Sandra. *Cemitérios verticais ajudam na sustentabilidade e na otimização dos espaços públicos*. **Jornal da USP**, São Paulo, 23 maio 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cemiterios-verticais-ajudam-na-sustentabilidade-e-na-otimizacao-dos-espacos-publicos/>

CHIODI, Hermano. *Carnaval das Flores põe bloco nas ruas de BH para festejar Finados*. Belo Horizonte, 1 nov. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/2025/11/1/carnaval-das-flores-poe-bloco-nas-ruas-de-bh-para-festejar-finados>

CRYSTAL, Ester *et al.* **Cidade dos mortos e segregação socioespacial no Cemitério do Bonfim a partir da análise da paisagem -Belo Horizonte/MG (1897-2022)**. 2022. Disponível em: <<http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/00001b/00001b15.pdf>>.

DE ASSIS ROEDEL, L., y F., CODEVILLA SOARES. Cidade dos vivos e cidade dos mortos: arqueologia urbana no Cemitério de Senhor do Bonfim, Belo Horizonte. 2015. *Urbania. Revista latinoamericana de arqueología e historia de las ciudades* 4: 23-44. ISSN 1853-7626.

G1 MINAS. *Dia de Finados tem saudade e homenagens aos mortos em BH*. MG1, Belo Horizonte, 2 nov. 2024. Vídeo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/mg1/video/dia-de-finados-tem-saudade-e-homenagens-aos-mortos-em-bh-13068710.ghtml>

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). *Cemitério do Bonfim: patrimônio cultural, arte e fé*. Belo Horizonte: IEPHA-MG, 2025. Disponível em: www.mg.gov.br/iepha/documento/publicacoes/cadernos-do-patrimonio/cemiterio-do-bonfim-com-capa.pdf

LIMA, Ilza Mara. O cemitério como espaço devocional: um estudo sobre a devoção a Irmã Benigna. *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 381–402, 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/3971>.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmas falados: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Editora da Unicamp, 1996.

SANTIAGO, Fernanda. Terreiros vão realizar caminhada e distribuição de rosas no Dia de Finados. Estado de Minas, Belo Horizonte, 1 nov. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/gerais/2025/11/7283512-terreiros-vao-realizar-caminhada-e-distribuicao-de-rosas-no-dia-de-finados.html>.

URIARTE, Urpi Montoya, «Olhar a Cidade», *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 31 dezembro 2013 URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/774>;

VALE, Maíra Cavalcanti, «Flores e velas que falam no silêncio: perspectivas», *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009 URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1528>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1528>